

MARIA DE LURDES PINTASSILGO EMBAIXADOR NA UNESCO

"UMA REVOLUÇÃO IMPLICA

Maria de Lurdes Pintassilgo será o primeiro embaixador de Portugal à UNESCO. Qual a importância deste cargo e qual o seu âmbito de acção?

Convém relembrar que a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) evoluiu consideravelmente nos últimos vinte anos, transformando a sua visão sectorial da cultura num processo dinâmico em que o homem, no seu ambiente natural e cultural, se tornou o centro da sua acção.

Assim, no plano da Educação, o ponto fulcral da UNESCO é hoje a educação permanente em todas as etapas da vida humana, o que reduz as dimensões da escola; no campo das ciências naturais, o programa aponta para a descoberta dos recursos naturais e seu aproveitamento, bem como as ligações de cada grupo ao seu ambiente natural; no domínio das ciências sociais, o programa para 75-76 visa apurar, através de análises intersectoriais, o grau de satisfação dos homens na realização das suas actividades e estabelecer as condições socioculturais que permitam uma maior solidariedade entre os povos. Um outro aspecto importante nas actividades da UNESCO diz respeito à informação, isto é, ao estudo da relação que existe entre a troca de informações a nível inter-pessoal e colectivo sob a influência dos meios de comunicação. Por último, a UNESCO, através dos seus vários programas interdisciplinares visa contribuir decisivamente para a paz mundial, pela compreensão mútua das culturas e das condições sociais dos povos.

Nesta plataforma muito vasta, onde se desenham os contornos dos grandes problemas da Humanidade, o embaixador de Portugal à UNESCO considera como tarefa mais importante relacionar a dinâmica deste pensamento global com a evolução da sociedade portuguesa neste momento.

— Parece-me que esta óptica intersectorial, em que o Homem é o centro das preocupações, é fundamental para o progresso da Revolução que estamos a viver — afirma Maria de Lurdes Pintassilgo, que no seu novo cargo se propõe desenvolver de forma concreta «a tão proclamada afinidade de Portugal com o Terceiro Mundo, tentando equacionar com outros as nossas afinidades e os vectores do nosso comportamento futuro».

Nesta tarefa, Maria de Lurdes Pintassilgo trabalhará com uma pequena equipa local, ainda a criar. A missão permanente de Portugal na UNESCO estará ligada à Comissão Nacional da UNESCO, que deve ser criada no âmbito do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

P. — A cultura não tem até agora merecido particular atenção por parte das autoridades revolucionárias. Pode, no entanto, fazer-se uma Revolução sem atender à cultura?

Maria de Lurdes Pintassilgo — Você toca um ponto chave e um dos mais difíceis na análise da nossa Revolução. A cultura, hoje, não é já o teatro, o folclore, a literatura que se leva ao povo. A cultura não é a endoutrinação do povo, mas a capacidade que ele tem, em cada momento, de fazer a sua própria evolução e pôr gestos criadores na História. Isto supõe que é o Povo que cria a cultura, constantemente. A sua pergunta devia ser reformulada desta maneira: será que o dinamismo da Revolução pôs o Povo em condições de criar cultura?

Parece-me ainda que muitos dos nossos «líderes» e «autoridades revolucionárias» têm uma noção de cultura divorciada da realidade social do povo e da sua capacidade de autodeterminação, opondo um conceito de cultura humanístico-político ao económico-tecnológico. A tecnologia, as prioridades de investimento, os grandes projectos de planeamento económico devem decorrer da própria cultura do povo e não ser decalques de manual, arquitectados em gabinetes.

P. — Um projecto desses implica uma larga participação de massas e, por outro lado, o aproveitamento dos intelectuais. Como?

M.L.P. — Na verdade, ele pressupõe uma larga base so-

que traduza esse canto em pauta musical. O que me parece importante, na criação da cultura, é o dinamismo das massas, patente em tudo o que acontece em Portugal desde o 25 de Abril, e a sua leitura fiel e desapaixonada por aqueles que têm instrumentos para traduzir isso em novas instituições, novas formas de organização, etc.

TODOS OS HOMENS CRIAM CULTURA

P. — Nessa perspectiva, qual o papel da cultura histórica na criação do homem novo que há-de corresponder à nova sociedade portuguesa?

M.L.P. — Não me parece possível criar uma sociedade socialista real que não tenha em linha de conta a cultura

quando
mento
mergul
consci
traduz
sejo dr
zemos

Quar
acaso
anos e
de da
tura e
tendo
to criar
perman
sobre
história
nismo,
uma es
futuro.
de Det
realiza.

A GRA
DOS «

P. —
se dá
corre. p

UNESCO

IMPLICA UMA NOVA CULTURA"

UNESCO. Qual a

a Educação, a sua visão do e cultural,

a permanente das ciências e do conhecimento, bem como os aspectos sociais, o papel dos homens e a sua maior preocupação diz respeito ao nível internacional, pela

problemas da relação e no momento. das ocupações, de Lurdes proclamada e afinidades

local, ainda na UNESCO,

canto em que me parece a criação e o mesmo das coisas tudo o que é igual desde a sua leitura e por aqueles e os outros para novas instituições de orga

UNESCO

a perspectiva, futura história e o homem responder à pergunta portuguesa?

o que parece a sociedade não tenha a cultura

quando vai adiante do pensamento de uma época. A arte mergulha as suas raízes no inconsciente do povo, capta e traduz em novas formas o desejo de futuro que todos trazemos dentro de nós.

Quanto à religião, não é por acaso que durante muitos anos se acentuou a identidade da raiz etimológica de cultura e culto. Pessoalmente, entendendo a religião como um acto criador, que supõe um olhar permanentemente renovado sobre os acontecimentos, a história e, no caso do cristianismo, uma interpretação e uma esperança projectadas no futuro. Acredito que a acção de Deus é no mundo que se realiza.

A GRAVE FUGA DOS «QUADROS»

P. — O papel relevante que se dá à criação popular, em particular, corre, por vezes, numa aplo-

tidade da produção. Ora, hoje, uma revolução socialista tem de modificar radicalmente o processo produtivo, quer dizer, o tipo de relação do Homem com a máquina e dos homens entre si através das máquinas.

É óbvio que só pode transformar esse processo produtivo quem o conhece. Por isso, entre nós, o problema da fuga dos quadros atinge uma gravidade muito grande, porque toca o cerne da mudança qualitativa que uma Revolução traz consigo. De uma forma mais pragmática e mais directa pode dizer-se que o investimento técnico-cultural havido na formação dos quadros não vai reverter para o sedimento histórico e diminui o dinamismo da nova cultura.

P. — Que medidas devem ser tomadas, desde já, para impedir o agravamento da si-

va cultura. Isto é um alerta para que a revolução possa ser original.

TRAZER OS JOVENS A REVOLUÇÃO

P. — Isso supõe que se tenha superado a divisão entre os trabalhadores manuais e intelectuais?

M.L.P. — Absolutamente. Devo dizer que me parece natural que se tenha gerado uma hostilidade da parte dos trabalhadores manuais aos quadros, que não são necessariamente intelectuais, mas técnicos, por uma desconfiança relativamente à sua utilidade na sociedade. O problema foi mal posto desde o início, por ter sido utilizada pelas autoridades revolucionárias uma análise marxista «standardizada» que não integrou os elementos específicos das sociedades pós-industrializadas.

Aliás, o problema dos quadros e sua marginalização em relação à Revolução não é distinto do da juventude. Esta, enquanto portadora de uma cultura própria, não foi considerada como um sujeito possível desta revolução.

P. — Poder-se-á dizer o mesmo das mulheres, que têm sido mantidas à margem dos centros de decisão?

M.L.P. — Adquire ainda uma força muito significativa a ausência de uma análise que tenha em conta a situação e a opressão específica das mulheres nesta sociedade, e que a partir dessa opressão e do caminho para a sua libertação, torne as mulheres numa grande força positiva de libertação global.

P. — O cargo que vai exercer em Paris corresponde aos seus interesses reais neste momento ou preferia aplicar



mente. A sua pergunta devia ser reformulada desta maneira: será que o dinamismo da Revolução pôs o Povo em condições de criar cultura?

O ECONÓMICO DEVE SUBORDINAR-SE AO CULTURAL

P. — Se atendermos às alterações da vida quotidiana, deve reconhecer-se que em muitos aspectos o povo português, neste último ano, foi criador de cultura, mas não estará esta criação compreendida pela acção das forças que tentam fazê-lo adoptar cartilhas?

M.L.P. — O mais importante, num processo revolucionário, é a criação de um querer comum, criado colectivamente que se vai fortalecendo a partir dos vários sectores onde o povo está activo. Esse querer comum, verdadeiro aforador da Revolução, é a autêntica cultura. Naturalmente, estou a situar-me numa fase da sociedade pós industrial, em que o projecto cultural integra o projecto económico. Isto é: as soluções económicas são subordinadas ao querer em devir, ao processo cultural — e só nesse sentido se pode falar de revolução cultural. Penso que a nossa Revolução tem ainda condições de se transformar num processo aberto, em que se pode ir fortalecendo o querer comum. Mas esse querer comum ficará totalmente aniquilado por qualquer tentativa de ideologização, que é a negação da própria cultura.

...o desenvolvimento dos intelectuais. Como?

M.L.P. — Na verdade, ele pressupõe uma larga base so-

M.L.P. — Não me parece possível criar uma sociedade socialista real que não tenha em linha de conta a cultura



«Cultura não é endoutrinação»

cial. Além disso, a existência de uma elite intelectual ao serviço das massas, capaz de racionalizar e articular o que as massas exprimem. Digamos que uma coisa é o cantar do povo e outra coisa alguém

histórica. De notar que essa cultura histórica significa não só o património cultural, em termos estáticos, mas o tipo de relações económicas, as formas de desenvolvimento que o País atingiu, o tipo de relações predominantes entre as classes como realidade social. Quanto a mim, ela deve servir de ponto de partida para a nova cultura, que vai ser gerada pelo Homem em situação de revolução, face às circunstâncias que ele próprio determina, do novo tipo de relações, do novo modo de entender o universo que o rodeia, em que ele se situa como parte de um povo, no conjunto dos povos, capaz de ser sujeito da sua história. Aceito a frase de Paulo Freire quando diz: «a cultura é o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez.» É evidente que, nesta perspectiva, se elimina o tipo de elitismo dos que têm cultura em relação aos que não a têm, porque todos são criadores de cultura, pelo trabalho, pelas relações humanas, pela própria contemplação do universo criado, pela tentativa de entender o mistério das coisas.

P. — Qual o papel que reserva, nesse contexto, à religião e à arte?

M.L.P. — Penso que a arte é criação pontual, concentrada, dos sentimentos e atitudes que o povo traz em si, mesmo



«O QUE»



gia do espontânea a importância, os «quais» e técnicos mente na sociedade. No caso português o «afastamento» dos quadros da Revolução. Este fenómeno

M.L.P. — Um país, no momento, é cultura e não um que se pode Revolução, de de sociedades industrializadas que em Portugal pré-industrialização industrialização a tecnologia processo dinâmico processo.

Mais: seguiu pôs-se em meios de produção

Fundação Cuidar o Futuro

a Luta

EDITORIAL A LUTA, SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
RUA DO LORETO, 43, 1.ª LISBOA-2

TELEFONES: 32 23 51/2/3

DIRECTOR: Raúl Rêgo

DIRECTOR ADJUNTO: Vitor Direlto

CHEFE DE REDACÇÃO: João Gomes

EDUCAÇÃO: Manuel Giraldes, Maria Augusta Silva

CHEFE DE REDACÇÃO ADJUNTO: Rui Camacho

REPORTAGEM: Antónia de Sousa, Maria Antónia Palla

SECRETARIA DA REDACÇÃO: Aida Malra, Artur Alpedrinha, Vasco A. Fernandes, António Xavier

ORIENTAÇÃO GRÁFICA: Pedro Foyos, Isabel Lobinho

FOTOGRAFIA: Alvaro Tavares, Marques Valentim

ECONOMIA / SOCIAL: Helena Marques, Vitor Baltasar, José Pedro Castanheira, Júlio Valente

DOCUMENTAÇÃO: Rafaela Mendes, Teresa Menozos

PROVÍNCIA: Carlos Soares, Marcelino Mesquita, Jorge Morais, F. Sales Lopes

COORDENADORES REGIONAIS: Porto — José Cruz; Coimbra — Fausto Correia; Faro — João Leal

POLÍTICA NACIONAL: João Grego Esteves, Eduardo Paz Ferreira, Rocha Vieira

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E COMERCIAIS: Gomes da Costa

ÁFRICA: Francisco José Oliveira

PUBLICIDADE: Carlos Saraiva, Luís Figueiredo, Helena Sequeiro

ESTRANGEIRO: José Gabriel Viogas, Nuno Coutinho, Miguel Sousa Tavares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Empresa do «Jornal do Comércio», S.A.R.L. — Rua Luís de Almeida e Albuquerque, 5, LISBOA-2

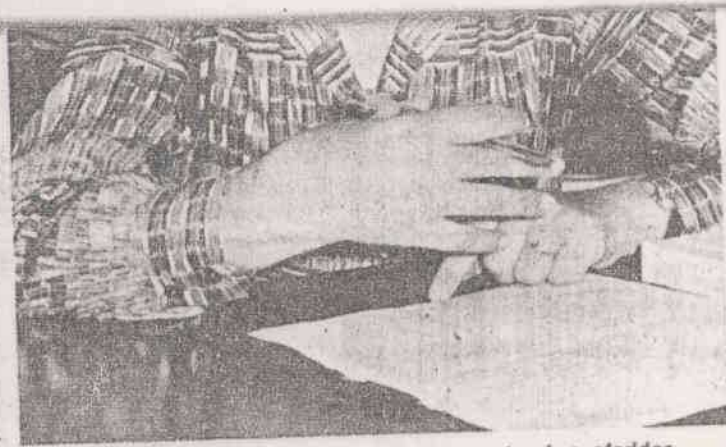
CULTURA/ESPECTÁCULOS: Alvaro Guerra, Francisco Bétard

DISTRIBUIDORA: REGIMPRESSA, S.A.R.L. — Largo Eugénio dos Santos, 7-A — REBOLEIRA - AMADORA

DESPORTO: Manuel Arons de Carvalho, Ilídio Trindade



...o me parece
uma sociedade
que não tenha
conta a cultura



«O querer comum, criado colectivamente, é o alicerçador da Revolução»

ção, torne as mulheres numa grande força positiva da libertação global.

P. — O cargo que vai exercer em Paris corresponde aos seus interesses reais neste momento ou preferia aplicar a sua actividade noutro sector, aqui, em Portugal?

M.L.P. — Este cargo corresponde aos meus interesses reais. Por um lado, o facto de ter estado no Governo colocou-me na situação privilegiada de ter tocado no conjunto dos problemas do País. Isso obriga-me necessariamente a encontrar os pontos de actividade da UNESCO que tenham



Fundação Cuidar o Futuro

«A tecnologia faz parte cultura: não é excrescência que se possa dispensar»

...gia do espontaneísmo que nega a importância que, por sua vez, os «quadros» intelectuais e técnicos tem necessariamente na sociedade moderna. No caso português, é notório o «afastamento» ou «lugardos quadros em relação à Revolução. Como interpreta este fenómeno?

M.L.P. — A tecnologia de um país, num determinado momento, é parte da sua cultura e não uma excrescência que se pode dispensar. Esta Revolução, ao copiar modelos de sociedades no início da industrialização, não absorveu que em Portugal coexiste a pré-industrialização e a pós-industrialização, não absorveu a tecnologia como um elemento dinâmico no próprio processo.

Mais: segundo os manuais, pôs-se em causa apenas os meios de produção e a quan-

...tuação ou uma recuperação da situação criada?

M.L.P. — Penso que, neste momento, é muito importante desenvolver uma teoria revolucionária que tenha em linha de conta os dados de uma sociedade em 1975 e na Europa. Isso levaria a situar de outra maneira a análise marxista da sociedade e a descobrir qual a estratégia necessária para que — de facto e a longo prazo — termine a opressão do homem pelo homem.

Neste momento, qualquer apelo moral à permanência dos quadros não pode ter eco. Impõe-se, sim, descobrir o seu papel único na transformação das relações entre os homens, através da transformação do processo produtivo, e, portanto, o seu papel capital na criação de um novo tipo de homem e de uma no-

...relevância para a revolução portuguesa. Por outro lado, embora a realidade portuguesa seja para mim importantíssima, ela interessa-me na medida em que faz parte do caminho da Humanidade. Com todos os limites que tenho — e que são muitos — pareço-me que como embaixador na UNESCO vou ter possibilidade de vislumbrar um pouco dessa caminhada. Aliás, não vou ser um embaixador no sentido clássico. A minha tarefa para ter significado implica uma acção constante com a Comissão Nacional da UNESCO, com certos organismos governamentais. Virei cá com frequência, sobretudo nesta fase em que as transformações das condições de vida em Portugal são quase diárias. E só exercerei este cargo na medida em que puder realizar o entrosamento das duas realidades.

...e notar que essa
rica significa não
tório cultural, em
ticos, mas o tipo
económicas, as
desenvolvimento
atingiu, o tipo de
dominantes entre
como realidade
nto a mim, ela de-
e ponto de partida
a cultura, que vai
pelo Homem em
revolução, face às
lias que ele pró-
mina, do novo tipo
a, do novo modo de
universo que o ro-
que ele se situa co-
de um povo, no
tos povos, capaz de
o da sua história.
rase de Paulo Frei-
diz: «a cultura é o
mento que o ho-
o mundo que não
evidente que, nesta
ta, se elimina o tipo
dos que têm cul-
relação aos que não
que todos são cria-
cultura, pelo traba-
s relações humanas,
ta contemplação do
criado, pela tentati-
vender o mistério das

Qual o papel que re-
esse contexto, à reli-
arte?

— Penso que a arte
o pontual, concentra-
sentimentos e atitudes
vo traz em si, mesmo